

# Notas sobre a correspondência de João Cabral de Melo Neto – entre o texto e os gestos, a elaboração de uma dicção “antiepistolar” como máquina de produção de si

*Notes on João Cabral de Melo Neto’s letters – between text and gestures, the construction of an “anti-epistolary” diction as a self-production machine*

Marcos Angeli Padilha  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)  
[marquinhospadilha@gmail.com](mailto:marquinhospadilha@gmail.com)  
<https://orcid.org/0009-0005-1627-9661>

## RESUMO

Este artigo propõe uma leitura de trechos de cartas – algumas editadas, outras inéditas – escritas por João Cabral de Melo Neto e enviadas para Lauro Escorel, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Daniel Joaquim Pereira. A principal questão a ser tratada neste estudo é o modo como Cabral se apresenta, em sua correspondência, como um escritor de cartas “antiepistolar”. Partindo de uma contradição entre o que o poeta declara, ao manifestar, repetidas vezes, seu “nenhum gosto por escrever cartas”, e os seus gestos – especialmente os de guarda e destinação de sua correspondência ativa a um arquivo público –, o artigo busca mostrar como ocorrem, não somente a nível dos gestos, mas também no texto cabralino, aspectos que tensionam a chave “antiepistolar” – que poderia ser tomada como análoga ao “antilirismo” que Cabral propõe como dicção poética própria.

**Palavras-chave:** Correspondência; João Cabral de Melo Neto; Poesia; Crítica.

## ABSTRACT

This article proposes a reading of excerpts from letters – some edited, others unpublished – written by João Cabral de Melo Neto, sent to Lauro Escorel, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade and Daniel Joaquim Pereira. The main issue to be discussed in this study is the way Cabral presents himself, in his correspondence, as a writer of “anti-epistolary” letters. Starting from a contradiction between what the poet states, when he repeatedly expresses that he has “no taste for writing letters”, and his gestures – especially those of keeping and disposing his active correspondence to a public archive –, the article seeks to show how, not only at the level of gestures, but also in Cabral’s text, there are

aspects that tension the “anti-epistolary” key – which could be taken as analogous to the “antilyricism” that Cabral proposes as his own poetic diction.

**Keywords:** Correspondence; João Cabral de Melo Neto; Poetry; Critics.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como ponto de partida o estudo da correspondência de João Cabral de Melo Neto, depositada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (AMLB/FCRB). As cartas de Cabral são, ainda hoje, um terreno pouco explorado, no conjunto de textos do autor – lacuna que se torna mais evidente se comparada à vastíssima bibliografia crítica dedicada à sua obra poética. O trabalho da poeta, jornalista e bibliotecária Zila Mamede, *Civil Geometria* (1987), em que a autora realizou um levantamento da bibliografia crítica publicada sobre Cabral, de 1942 – ano de sua estreia como poeta, com *Pedra do sono* (1942) – a 1982, oferece aos pesquisadores uma medida de como já eram numerosos os estudos sobre a poesia cabralina há mais de quarenta anos.

No centenário de João Cabral, em 2020, ocorrem duas novas tentativas de circunscrever a totalidade de sua obra poética, ambas conduzidas por Antonio Carlos Secchin: uma nova edição de sua *Poesia Completa* (2020), pela editora Alfaguara, incluindo poemas inéditos (que estavam, como suas cartas, depositados nos arquivos na FCRB); e *João Cabral de Ponta a Ponta* (2020), pela Cepe Editora, edição ampliada e revista dos estudos de Secchin sobre a poesia cabralina.

Cabe mencionar, também, nesse mesmo contexto, publicações que buscaram demonstrar seu lado biográfico, que se quis ocultado pelo próprio poeta: *João Cabral de Melo Neto: Uma biografia* (2021), escrita por Ivan Marques, e a *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto* (2021), organizada por Eucanaã Ferraz e coordenada por Valéria Lamego.

Destaca-se um comentário na nota de abertura da *Fotobiografia* (2021), em que Ferraz acentua como, apesar de Cabral defender “para si uma *ausência de biografia*, uma das marcas de sua poética é justamente o que se pode chamar de *memorialismo*.” (Ferraz, 2021, p. 7). E, ao citar uma estrofe do poema “Dúvidas apócrifas de Marianne Moore”, publicado em *Agrestes* (1985), o poeta indica como Cabral, apesar de “cultor da

impessoalidade, [...] converteu Marianne Moore numa espécie de máscara para desmascarar a si mesmo como poeta capaz de alcançar uma escrita impessoal” (Ferraz, 2021, p. 9).

Quanto aos estudos sobre a correspondência de Cabral, há que se mencionar dois momentos. O primeiro, logo após sua morte, ocorrida em 1999, é marcado pela publicação da *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001), organizada por Flora Süssekind, e das *Cartas de João Cabral de Melo Neto para Clarice Lispector* (2000), precedidas de um estudo de Carlos Mendes de Sousa, na Revista Colóquio/Letras, em edição dedicada a Cabral.

O segundo ocorre no contexto das comemorações do centenário de nascimento de Cabral, em 2020, em que são publicados o trabalho de Solange Fiuza, *Cartas inéditas de João Cabral a Alberto de Serpa*<sup>1</sup> (2019), na Revista ALEA; o de Carlos Mendes de Sousa, *Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes* (2019), na Revista Colóquio/Letras; o de Rafaela Cardeal, “*Meu caro João Cabral de Melo Neto*” - *Algumas cartas portuguesas* (2022), na Revista Diacrítica; o de Laíse Ribas Bastos e Maria Lucia de Barros Camargo, “*Meu caro Domingos*” - *as cartas de João Cabral para Domingos Carvalho da Silva* (2020), na Revista O Eixo e a Roda, em edição dedicada a Cabral e seu centenário; e o de Rafael Ireno, *Cartas inéditas de João Cabral de Melo Neto para Rubem Braga* (2022), em edição da Revista Teresa dedicada, também, a Cabral.

Raros são, entretanto, os estudos em que se discute detidamente a elaboração da formulação “antiepistolar” em suas cartas. Surpreendentemente, os trabalhos pioneiros de Flora Süssekind – a *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001) e o estudo *Cabral – Bandeira – Drummond* (1998) – são, ainda hoje, uma das poucas fontes a se recorrer para a discussão acerca desta formulação e desta atitude, propalada por Cabral, que acabou transformando-se numa espécie de chave de leitura cristalizada que confirmaria a sua aversão ao gênero.

Nesse sentido, cabe citar também o trabalho de Marcelo Santos, “*O amador de poemas e o poeta*”: *A correspondência entre Lauro Escorel e João Cabral* (2011), em que o autor assinala como o “evitamento de si”, traço mais conhecido de Cabral como

---

<sup>1</sup> Quanto à correspondência de Cabral com Serpa, cabe mencionar a recém-publicada *Correspondência inédita e anotada – Alberto de Serpa – João Cabral de Melo Neto – O cavalo de todas as cores* (2025), pela Ateliê Editorial, organizada por Fiuza e Arnaldo Saraiva.

epistológrafo, “se dinamiza”, entretanto, com o “processo de poetização do sujeito” (Santos, 2011, p. 48). Também interessa a observação de Sousa (2019), ao assinalar que, se por um lado Cabral “assume-se como o mau epistológrafo” (Sousa, 2019, p. 125), por outro, “era um conversador” (Sousa, 2019, p. 129); e que há em suas cartas uma “tensão [...] entre o desejo manifesto de intercambiar ideias [...] e o misantrópico afastamento da cena literária” (Sousa, 2019, p. 129).

Apesar da publicação dos trabalhos citados acima, a correspondência de Cabral segue insuficientemente estudada e editada. Como aponta Waltencir Alves de Oliveira em *Cabral, um Inimigo Rumor ou a máquina do poema em revista* (2018), “a recepção crítica de João Cabral de Melo Neto tem se notabilizado por uma obediência servil aos protocolos de leitura explicitados pelo próprio poeta em relação à sua obra” (Oliveira, 2018, p. 379), o que resultou em uma tendência, nas leituras canônicas da poesia cabralina, de “definir o que seus poemas dizem a partir do que seus ensaios e entrevistas dizem que seus poemas dizem” (Oliveira, 2018, p. 383), mas pode ter contribuído, também, para um desinteresse da crítica no que concerne à sua correspondência e à discussão acerca de uma tendência “antiepistolar” cabralina.

## **A FORMULAÇÃO “ANTIEPISTOLAR” E OS GESTOS DE CABRAL**

A *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001), organizada por Flora Süssekind, foi uma iniciativa pioneira ao efetuar um deslocamento da poesia cabralina para a sua correspondência.

No texto de apresentação e também em *Cabral – Bandeira – Drummond*, estudo publicado em *A Voz e a Série* (1998), Süssekind indica como Cabral se apresenta, em sua correspondência, como “antiepistolar”: “No caso das cartas enviadas por João Cabral [...], torna-se [...], quase tópica, nele, a negação do gênero, a afirmação, por vezes em meio a textos relativamente longos, de uma ‘indisposição epistolar’” (Süssekind, 1998, p. 263) – tendência que poderia ser lida como análoga ao “antilirismo” elaborado por Cabral como dicção poética própria.

Se Cabral declara, em carta enviada a Drummond, em 1948, de Barcelona, estar “antiepistolar”; se em carta a Rubem Braga, enviada em 1983, de Tegucigalpa, manifesta

o seu “nenhum gosto por escrever cartas”, estas afirmações contrastam com o volume de seu arquivo epistológico.

Há, no entanto, para além desse “paradoxo muito comum”<sup>2</sup>, um outro dado, uma especificidade do arquivo de Cabral que reforça as contradições entre o que o poeta declarou e os gestos que efetuou: o fato de que há, em seus arquivos, além das cartas de seus correspondentes endereçadas a Cabral, muitas cartas de sua própria autoria – indício de que JCMN produzia e armazenava cópias das cartas que enviaria.

Na *Nota sobre a edição da Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001), Sússekind menciona que, quando teve um primeiro contato com esta correspondência, Cabral ainda estava vivo; que as cartas enviadas por Drummond e Bandeira a Cabral, guardadas pela primeira esposa de Cabral, Stela Cabral de Melo, estavam reunidas no acervo particular do poeta, enquanto as escritas por Cabral a Drummond e Bandeira já estavam depositadas no AMLB da FCRB. Sússekind informa também que ao “sugerir que se fizesse uma edição em livro dessa correspondência, que poderia contar com notas do próprio Cabral, [...] João Cabral [...] considerou tratar-se de material a ser divulgado apenas depois da sua morte.” (Sússekind, 2001, p. 20).

Esse breve relato trata de uma questão cuja discussão penso ser oportuna: de que modo Cabral participou da preservação e da destinação de sua correspondência pessoal a um arquivo público. E oferece informações relevantes, como o fato de Cabral ter organizado, com a contribuição de Stela, um acervo particular; como o poeta ter determinado que sua correspondência só seria publicada após sua morte; e como ter permitido a Sússekind, entretanto, que tivesse acesso a seu acervo particular enquanto ainda estava vivo.

A preservação de sua correspondência ativa, assim como a opção por depositá-la em um arquivo público, são gestos que produzem para suas cartas outros destinatários – e esse é um aspecto que convoca os leitores da correspondência cabralina a reconsiderar a chave de leitura “antiepistolar” engendrada por Cabral. Como pode, afinal, um escritor que manifestou tantas vezes seu “nenhum gosto por escrever cartas”, reiterando sua

---

<sup>2</sup> Como aponta Brigitte Diaz (2016), tratando de Proust e Mallarmé: “os escritores que mais praticaram a carta professaram, frequentemente, uma verdadeira repugnância por esse rito, ao qual eles consagraram tanto tempo” (Diaz, 2016, p. 229).

tendência “antiepistolar”, preservar sua correspondência ativa para a posteridade? De que maneira se articulam gestos e texto?

Penso que a tentativa de apreender os sentidos que se manifestam através da materialidade dos documentos pode contribuir para a leitura do que Cabral declarou em suas cartas. E que o movimento inverso – buscar no texto de Cabral pistas sobre suas práticas de escrita e seus gestos – pode ser, também, produtivo.

## A TENDÊNCIA “ANTIEPISTOLAR” NAS CARTAS DE CABRAL

A carta mais conhecida de Cabral, editada na *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond* (2001), é a enviada a Drummond, em 9 de outubro de 1948, em que Cabral afirma estar “antiepistolar”:

Meu caro Carlos,

Estou certo que v. não vai pensar que o meu silêncio é represália ao seu. Eu, que o chateava tanto, por telefone, conversa pessoal, correio, quando no Brasil, não podia ficar ofendido com v. Que seu silêncio me fez falta não há dúvida; mas daí a ficar aborrecido, nunca.

O que ando – depois que recebi sua carta – é antiepistolar. Tenho tido gripes, chateações, tédio. Estou certo que você compreenderá tudo isso e, principalmente, esse impedimento mais poderoso: a falta de jeito, de gosto para cartas, principalmente para o tipo de carta – não de simples recado – que gostaria de fazer para você.

Para compensar tanto silêncio, mando-lhe umas traduções de poetas catalães que andei fazendo. [...] (Melo Neto, cit. in Sússekind, 2001, p. 227).

É curioso notar que a formulação “antiepistolar” tem como função, nesta missiva, auxiliar Cabral em seu pedido de desculpas pela demora em responder Drummond. De modo que o comentário sobre uma “falta de jeito, de gosto para cartas” parece mais uma justificativa para o próprio silêncio do que o reconhecimento de uma verdadeira inaptidão.

No primeiro parágrafo, é perceptível uma negociação em torno de um pacto de comunicação, que Cabral parece tentar, com esta carta, restabelecer – é necessário, para isso, tratar da demora nas respostas, de um lado e de outro.

Assim, o que parece ocorrer, nesse trecho, não é a manifestação de uma recusa ao gênero epistolar, mas uma justificativa pelo próprio silêncio e, também, por não ter conseguido escrever uma carta com o esmero que gostaria, como é reiterado noutro trecho mais adiante: “De outra vez lhe mandarei carta mais decente. Hoje estou antiepistolar, até pela letra [...]” (Melo Neto, cit. in Sússekind, 2001, p. 228).

Quanto a esse último aspecto, o acabamento, o cuidado formal, no que se refere à escrita epistolar, cabe a leitura de um trecho de uma carta inédita, de Cabral para Lauro Escorel, enviada em 14 de setembro de 1946:

Prezados Lauro e Sarinha,  
Estou chegando mais cedo hoje, especialmente para escrever a vocês. Devo adiantar que estou escrevendo diretamente à máquina; isto significa um pedido de desculpas pelo estilo *cheap* que estou adivinhando para esta carta, pois infelizmente ainda não atingi a perfeição de um Ledo Ivo (que escreve nela diretamente) ou de um Érico Veríssimo (que escreve diretamente no linotipo) [...].

O pedido de desculpas por escrever diretamente à máquina parece indicar que, habitualmente, Cabral redigia rascunhos à caneta, sendo a escrita à máquina reservada, comumente, às versões finais das cartas. Passagem reveladora sobre suas práticas de escrita que, surpreendentemente, indica como o acabamento e o cuidado formal – considerados traços típicos da escrita poética cabralina – ocorriam, também, de certo modo, nas epístolas. Nesse sentido há, ainda, o fato de Cabral tratar de “estilo” e “perfeição”, ao escrever cartas, termos que não parecem estar de acordo com sua postura “antiepistolar”.

No trecho de outra carta inédita a Escorel, uma carta de dez páginas, enviada em 9 de novembro de 1947, de Barcelona, escrita diretamente à caneta, chama atenção a combinação de duas atitudes que parecem antagônicas:

Meu caro Lauro,  
Acho que desta vez você vai ter carta para uma semana (falo pela extensão, não pela profundidade das coisas, claro). Estou escrevendo numa boa tarde, de casa e não do consulado, do meu escritório [...] e, sobretudo, com vontade de escrever. Me desculpe por isso, por falar de mim e de coisas minhas. Mas aqui, conheço pouca gente e à exceção de um rapaz que foi meu aluno na universidade, o resto é do nível mental do chefe.

A primeira, bastante comum nas cartas de Cabral: o pedido de desculpas “por falar de mim e de coisas minhas”. Nesse mesmo sentido o comentário entre parênteses: “não pela profundidade das coisas, claro”, que parece estar de acordo com sua postura “antiepistolar”, que rejeita as cartas e o falar de si. Esses são acompanhados, curiosamente, de um comentário não tão usual: “com vontade de escrever”.

## UMA ATITUDE “ANTIEPISTOLAR”

A correspondência de Cabral me parece ser marcada por essas tensões, e penso que as contradições apontadas acima (em uma mesma carta, entre diferentes cartas, entre o que Cabral declara e seus gestos) contribuem para que sua tendência “antiepistolar” possa ser compreendida não como uma rejeição absoluta ao gênero, e sua vasta produção epistolográfica apenas como resultado da peculiaridade da vida de diplomata, mudando frequentemente de posto e de cidade, forçado a se comunicar através das cartas; mas como uma atitude, como um modo de definir sua própria personalidade.

Se Cabral, por vezes, demonstrou ser a escrita epistolar uma prática penosa (o mesmo ocorria com a poesia), ela não deixou de ser, como observou Sússekind, um espaço em que “parecem se exercitar um sujeito e uma obra” (Sússekind, 2001, p. 13).

Nesse sentido, é pertinente notar que o registro da formulação “antiepistolar”, na carta de Cabral a Drummond, de 1948 – contemporânea à publicação da “Antiode”, um dos poemas que integram a *Psicologia da Composição* (1947) –, é bem anterior à formulação de uma “antilira” em sua obra, que só ocorreria quase vinte anos mais tarde, na dedicatória de *A educação pela pedra* (1966): “A Manuel Bandeira esta antilira para seus oitent’anos” (Melo Neto, 1966, p. 5).

Aspecto que indica uma interpenetração de procedimentos entre a correspondência e a poesia cabralina, e em que se destaca, também, a estratégia de Cabral de construir sua dicção poética e definir sua personalidade artística através da elaboração de formulações negativas.

Quanto a isto cabe a leitura de uma carta, também inédita, de 1983, enviada para Rubem Braga:

Meu caro Rubem,  
Dizem-me que você foi para o Espírito Santo para fugir de homenagens. Pode-se fugir de homenagens "em espécie" que são as mais difíceis. Mas é impossível qualquer refúgio contra os jornais, o rádio e sobretudo a televisão. Assim, em vez do frio telegrama que estava me preparando para passar, aproveito o veículo que me oferece a televisão Globo para lhe mandar, desde Tegucigalpa, meu melhor abraço de amigo pelo dia de hoje. Como estamos já em 1983, descubro que esse abraço podia ser também por quarenta anos de uma amizade sem reparos, começada em 1943 quando cheguei de pernambuco (sic) na casa de nossos inesquecíveis Aníbal Machado e Vinícius de Moraes. Amizade frequentemente interrompida por minhas ausências do Brasil e nosso, creio que comum, nenhum gosto por escrever cartas; mas sempre retomada,

como se nos tivéssemos (sic) visto no dia anterior cada vez que nos encontramos, em qualquer parte do mundo ou de Ipanema.

Nessa carta, prenhe em contradições, a manifestação de Cabral a respeito do “nosso, creio que comum, nenhum gosto por escrever cartas” poderia ser lida como mais uma demonstração de sua recusa ao gênero. O comentário, entretanto, parece ter como função estabelecer um pacto com seu interlocutor, de modo semelhante à estratégia adotada na carta a Drummond, de 1948, mencionada anteriormente. O uso da primeira pessoa do plural, na carta a Braga, parece ser mais um recurso empregado nesse sentido.

Chamam a atenção, também, as diversas passagens de teor afetivo, como ao expressar por Braga sua “amizade sem reparos”, que apesar dos silêncios e interrupções, é “sempre retomada”; ao lembrar “nossos inesquecíveis Aníbal Machado e Vinícius de Moraes”; ao oferecer seu “melhor abraço de amigo pelo dia de hoje”.

Mas, mais do que isso, me parece pertinente destacar a reiteração constante de seu “nenhum gosto por escrever cartas”, de seu desejo de “fugir de homenagens” e outras formulações semelhantes, em sua correspondência e em aparições públicas.

Como em entrevista concedida em 1996, ao Instituto Moreira Salles, em que Cabral afirma, ao apontar para um retrato de Manuel Bandeira na parede da sala de seu apartamento: “Está vendo aquele ali? É meu primo, Manuel Bandeira. Sabe do que ele morreu? De homenagem. Quando fez oitenta anos, foi tão homenageado que não saiu mais da cama. O próximo serei eu” (Melo Neto, 1996, p. 7).

Entrevista realizada para a produção do primeiro volume dos *Cadernos de literatura brasileira* (1996) do IMS, dedicado a Cabral – coleção que não deixa de ser uma série de homenagens a autores já consagrados. No livro, mencionam-se as ressalvas de Cabral, que “relutou no início em conceder uma entrevista aos *Cadernos*. O poeta se sentia desconfortável sobretudo com a ideia de uma publicação inteira dedicada à sua obra” (Melo Neto, 1996, p. 18).

Penso ser oportuno assinalar como Cabral utiliza determinados suportes, ao mesmo tempo em que os rejeita, reafirmando, através deles – em cartas, entrevistas, no livro que o homenageia –, sua posição de evitar falar de si. Mas, curiosamente, através destas recusas e da elaboração de formulações negativas, molda sua própria atitude e personalidade artística, falando, afinal, sobre si, em “uma indireta confissão, / pelo avesso [...]”; em que o “evitá-la, o não falar, / é forma de falar da coisa [...]” (Melo Neto, 2009, p. 103).

Uma variação desse procedimento pode ser observada no trecho de outra carta inédita, de 1963, enviada para Escorel, de Sevilha:

Sevilha, 27 de maio de 1963 [...] Quanto à sua solidão: vejo que v. está mesmo abalado a fundo. Devo dizer que a solidão não me afeta negativamente. Devo ter vocação para a trapa, pois quando estou só toda a responsabilidade que tenho pela família desaparece e eu consigo ficar completamente relaxado mentalmente. Isso é uma coisa difícil para um homem casado dizer, mas no meu caso é a verdade. Está claro que não é um traço normal. É que a anciedade (sic) com que nasci só fez crescer com a idade, e estar só, sem ver ninguém, absolutamente ninguém, como já tenho passado tantos meses da minha vida, me libera completamente de ter medo pelos outros. Aliás, quando digo que é um traço anormal creio que estou no certo. Todas as minhas crises nervosas (ou mentais?) começam com misantropia, como a atual, e só uma boa dose de solidão me consegue curar. V. não pode imaginar como o invejo por estar num lugar onde não conhece ninguém, onde não pode nem mesmo ir a um cinema, e onde, por isso mesmo, pode andar completamente invisível pelas ruas, vendo unicamente – que é a única maneira de se ver: quando não se é visto [...].

Nessa carta, destaca-se o fato de Cabral tratar de assuntos bastante pessoais. O teor aparentemente confessional, expresso na ressalva “isso é uma coisa difícil para um homem casado dizer”, parece combinar-se, entretanto, a uma “poetização do sujeito” (Santos, 2011, p. 48), em que se dá a construção de sua própria personalidade poética.

Me parece operar nesse sentido a elaboração, no final do trecho citado, de uma relação peculiar entre ver e ser visto, em que a própria invisibilidade se tornaria uma condição para a visão. Nada de estranho para um poeta que propalava ser a poesia um modo de “dizer a coisa”,<sup>3</sup> e não de falar de si.

Mas, ao manifestar seu desejo de “andar completamente invisível pelas ruas, vendo unicamente”, Cabral acaba, através da negatividade, por falar de si, reafirmando sua atitude e personalidade artística. Estratégia que parece consistir, paradoxalmente, em tentar ser percebido como alguém que prefere ser invisível, contribuindo para que se configure, na correspondência cabralina – tomando emprestados termos utilizados por Escorel para tratar de sua poesia, em *A pedra e o rio* (1973) –, um “circuito de alta tensão” (Escorel, 2001, p. 13).

---

<sup>3</sup> Como Cabral sugere na tese *Da função moderna da poesia* (1954).

## A TENDÊNCIA "ANTIEPISTOLAR" E O "ANTILIRISMO"

Süssekind assinala, na *Apresentação da Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*, como "a forma epistolar, com seu processo cumulativo, sua matéria múltipla, sua perspectiva contrastada – por vezes via desdobramentos internos e interrupções, por vezes via oposição entre uma carta e outra –, [...] parece prefigurar o movimento e as tensões que caracterizariam a escrita poética cabralina." (Süssekind, 2001, p. 14).

Sua escolha, em *Cabral – Bandeira – Drummond* (1998), ao "partir exatamente de pequena parcela de sua correspondência pessoal para tratar da formação de certos aspectos característicos de sua escrita poética" (Süssekind, 1998, p. 263), inverte o caminho mais óbvio, que seria partir da leitura de sua poesia para a de sua correspondência. Penso que esse gesto pode contribuir para que a tendência "antiepistolar" não seja tomada como uma simples confirmação da dicção "antilírica" cabralina; e para que se percebam interpenetrações entre as duas modalidades de escrita, poética e epistolar.

A esse propósito, cabe a leitura de um trecho de mais uma carta inédita, enviada para Escorel, em 5 de novembro de 1946:

Outra notícia minha é que quebrei minha inatividade, para fazer umas coisas novas. Mandá-las-ei depois. São de dois tipos. Uma é uma pequena série de poemas que chamarei "Fábula de Anphion" ou qualquer coisa como isto. Trata-se do eterno assunto da criação poética que um dia desses, dando um balanço na minha raquítica "obra" vi ser quasi (sic) obsedante. Não preciso dizer que também como das outras vezes, a conclusão é sempre a mesma: chateação porque a poesia é o que resulta e não o que se deseja, chateação pelo "estado" da poesia etc. etc. De essa série 2 apenas estão terminados. Um, copio logo agora, para vocês. Nada de novo: pelo contrário, o mesmo realejo.

É pertinente observar, primeiramente, como Cabral trata do aspecto reflexivo e metapoético de sua obra como "obsedante" – não é à toa que Escorel é, entre os primeiros leitores da poesia cabralina, um dos poucos a assinalar como há, nela, uma "vertigem intelectualista" em que, "a despeito de todo seu esforço de objetividade e despersonalização", ocorre uma "persistência de obsessões psíquicas que se expressam mediante os mesmos símbolos e metáforas característicos de seu universo imaginário." (Escorel, 2001, p. 61).

Ocorre, ainda, nesse trecho, uma curiosa correspondência, a nível métrico, rítmico e sintático, com um verso do poema “A lição de poesia”, publicado em *O engenheiro* (1945): “*Vinte palavras sempre as mesmas / de que conhece o funcionamento,*” (Melo Neto, 1956, p. 130). Enquanto na carta consta: “Não preciso dizer que também como das outras vezes, *a conclusão é sempre a mesma.*”

Penso ser oportuno assinalar certas semelhanças entre os dois trechos destacados acima, em negrito (ao ler o trecho da carta como se esse fosse, também, um verso): ambos são octossílabos (metro muito utilizado na poesia de Cabral) e os acentos se dão, nos dois casos, nas sílabas (1)-4-6-8, além de ocorrer entre eles um paralelismo: “sempre as mesmas / sempre a mesma”. Me parece que estas equivalências, como também a reiteração, logo em seguida: “Nada de novo: pelo contrário, o mesmo realejo”, apontam para um exercício, na carta, da dicção poética cabralina.

O aspecto obsedante apontado por Escorel, que se expressa em sua poesia “mediante os mesmos símbolos e metáforas”, ocorre, também, em suas cartas, de modo que as repetições e retornos se amalgamam entre as duas modalidades de escrita; e não se restringem à construção dos símbolos e metáforas, mas ocorrem também nos níveis métrico, rítmico e sintático.

Süssekind, ao observar esse trânsito que se dá entre a voz de poeta e a de epistológrafo, indica como “Cabral [...], se tematiza tantas vezes sua pouca disposição para as cartas e costuma transformar o epistolar em ensaístico, serve-se, no entanto, explicitamente, delas, com certa regularidade, como forma de singularização de uma consciência e de um método literário próprios” (Süssekind, 1998, p. 291) e, ainda, “como modelos de certo tipo de poema-prefácio ou posfácio com que reflete sobre alguns de seus livros” (Süssekind, 1998, p. 291).

Nesse sentido, cabe citar o poema “O que se diz ao editor a propósito de poemas”, espécie de “poema-prefácio” que antecede *A escola das facas* (1980):

O QUE SE DIZ AO EDITOR  
A PROPÓSITO DE POEMAS

A José Olympio e Daniel

Eis mais um livro (fio que o último)  
de um incurável pernambucano;  
se programam ainda publicá-lo,  
digam-me, que com pouco o embalsamo.

E preciso logo embalsamá-lo:  
enquanto ele me conviva, vivo,  
está sujeito a cortes, enxertos:  
terminará amputado do fígado,

terminará ganhando outros pâncreas;  
e se o pulmão não pode outro estilo  
(esta dicção de tosse e gagueira),  
me esgota, vivo em mim, livro-umbigo.

Poema nenhum se autonomiza  
no primeiro ditar-se, esboçado,  
nem no construí-lo, nem no passar-se  
a limpo do dactilografá-lo.

Um poema é o que há de mais instável:  
ele se multiplica e divide,  
se pratica as quatro operações  
enquanto em nós e de nós existe.

Um poema é sempre, como um câncer:  
que química, cobalto, indivíduo  
parou os pés desse potro solto?  
Só o mumificá-lo, pô-lo em livro. (Melo Neto, 1980, p. 6)

As duas cartas de Cabral a Daniel Joaquim Pereira<sup>4</sup>, reproduzidas na *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto* (2021), tratando sobre a edição do livro, oferecem informações relevantes, como o fato de Cabral se referir ao poema citado acima como uma “carta-prefácio”, destacando o gesto de endereçamento aos seus editores:

Quito, 4 de julho de 1980.

Meu caro Daniel,

O João Mariz já lhe entregou os “Poemas Pernambucanos”. Como Você vê os meus colaboradores fizeram com que, uma vez, eu fosse eficiente e pontual. Mas como esta não é uma carta de papo, vamos tratar do que Você precisará saber ao mandar diagramar o livro. [...]

2. título da carta a José Olympio e Daniel: se Você prefere o Pereira, acrescente-o. Sei que o José Olympio e você são mais do que irmãos, mas se ele pensar que afinal de contas é ele o editor (publisher) e que a carta-prefácio deve ser dirigida somente a ele, corte seu nome. O José Olympio não é capaz de uma coisa dessas nem Você de se zangar com uma coisa dessas. (Melo Neto, 2021, p. 195)

Na outra carta a Daniel, de 21 de agosto de 1980, Cabral reitera seu posicionamento antibiográfico, ao recomendar que o livro saia, se possível, sem fotografia ou biografia suas: “Quanto à biografia, é uma coisa que não tenho.” (Melo Neto, 2021, p. 196). Paradoxalmente, *A escola das facas* (1980) é um livro em que se

---

<sup>4</sup> Irmão de José Olympio, que também atuava na editora homônima.

destaca o caráter memorialista, apontado por Ferraz (2021) como uma constante na obra cabralina. Silviano Santiago já assinalara, nesse mesmo sentido, tratando de *A escola das facas* (1980), como “o traço autobiográfico” desse livro, “na sua novidade, só é aparentemente novo” (Santiago, 1982, p. 42).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao observar as contradições que se dão entre o texto e os gestos, na correspondência cabralina, as tensões que há no próprio texto ficam, também, mais evidentes. Tensões que convocam o leitor a reconsiderar a formulação de uma tendência “antiepistolar” por Cabral, de modo que esta parece constituir, mais do que uma recusa absoluta ao gênero, um modo de elaboração de sua própria atitude e personalidade artística. Assim, a postura assumida pelo poeta de evitar a si mesmo não deixa de ser, ainda que de viés, uma forma de se mostrar e de falar de si.

Desse modo, a produção de uma tendência “antiepistolar” na correspondência cabralina, em vez de servir como analogia que confirma a ideia de uma “antilira” como chave de leitura crítica de sua poesia, pode contribuir para uma revisão desta perspectiva. O racionalismo extremado a que o poeta aspira parece ser relativo, “vertigem intelectualista” que não suprime, mas que produz emoções, obsessões, retornos; em que se elabora uma dicção própria, ainda que esta seja “antilírica”, “inenfática, impessoal”.

## REFERÊNCIAS

DÍAZ, Brigitte. *O gênero epistolar ou o pensamento nômade*. Trad. Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.

FERRAZ, Eucanaã. *Tabuleta*. In: MELO NETO, João Cabral de. *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2021.

MAMEDE, Zila. *Civil geometria: bibliografia crítica, analítica e anotada de João Cabral de Melo Neto, 1942-1982*. São Paulo: Nobel, 1987.

MELO NETO, João Cabral de. *Duas águas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966.

MELO NETO, João Cabral de. *A escola das facas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

MELO NETO, João Cabral de. *Cadernos de Literatura Brasileira. n. 1*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1996.

MELO NETO, João Cabral de. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. SÜSSEKIND, Flora (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

MELO NETO, João Cabral de. *Agrestes*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MELO NETO, João Cabral de. *Fotobiografia de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora, 2021.

OLIVEIRA, Waltencir Alves de. Cabral, um Inimigo Rumor ou a máquina do poema em revista. *Revista do GT Teoria do Texto Poético ANPOLL*, v. 14, n. 25, 2018.

SANTIAGO, Silviano. As incertezas do sim. *In: Vale quanto pesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTOS, Marcelo. "O amador de poemas e o poeta": A correspondência entre Lauro Escorel e João Cabral. *Verbo de Minas: letras - Revista do Programa de Mestrado em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora*, v. 11, n. 19, jan./jul. 2011.

SOUSA, Carlos Mendes de. Conversar-escrevendo: João Cabral e Murilo Mendes. *Revista Colóquio/Letras. Documentos*, n. 200, p. 123-165, jan. 2019.

SÜSSEKIND, Flora. Cabral - Bandeira - Drummond. *In: SÜSSEKIND, Flora. A voz e a série*. Belo Horizonte: Sette Letras, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. Apresentação. *In: MELO NETO, João Cabral de. Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

Imagens 1 e 2 – reprodução de carta de Cabral enviada a Escorel em 5/11/1946

5.11.46

(caminho Lains e Lains)

**COPIA.**

Recebi a carta de Vocês no very sábado em que começou para mim uma curta história de coenças; itôria, 20 dias, depois do que passei ~~em~~ doze mais em Itapava (lugar nos arredores de Petrópolis, onde morreu Raul de Leoni - que ninguém lá sabe quem foi) e mais uma semana livre, frequentando os cinemas do rio. Hoje terça-feira, 5 de novembro, estou voltando ao Serviço e, por coincidência, estou encontrando sua última carta. Isso me fez apressar a resposta há tanto tempo devida, com a promessa a mim mesmo feita de empatar a contagem ~~XXXXXXXXXX~~. Vou tentar, diretamente à máquina, de contar algumas coisas de mim, mim desses últimos tempos. Do Brasil e do Itamaraty nada posso contar, porque estou apenas chegando: isto é, chegando ao segundo, que ao primeiro pretendo frequentar de agora em diante, meio sonambolicamente.

Você perguntou se já acabei a Antologia. Já acabei, sim e já a entreguei ao Cortesão. Agora, só espero a gaita. Um exemplar lhe será mandado assim que saído. ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ (Vou deixar a máquina, que me cansa muito). Há realmente alguns bons textos, naquela fase, em obra nem todos deviam ser julgados pelo seu "valor": são alguns textos pios. Não digo isto para um elogio, pretendendo ter sabido escolher o melhor de cada. É um transtorno a opinião do Joaquim Cardoso, a quem dei a cartilha algumas das escolhas. ~~XXXXXXXXXX~~ Isto significa que alguns são autores de algumas raras coisas boas, perdidas ~~na~~ <sup>na</sup> matagal de textos, e o fato de (alguns ter) incorrido em um erro alheio significa que a diferença de julgamento dentro da obra de cada dessa forma é evidente demais e não existe em pontos de qualquer preferência pessoal apenas. De Milton Nogueira, Antônio Paiva, Camilo Pissarra, por exemplo, tem-se a verdade de certa história e outros, a verdade já é outra: /do ~~valor~~ mais, porque o pouco que resta aqui não ocupa nenhum espaço: Velloso Santos, por exemplo. Mas pelo lado humano a voz nem prefácio particular me faz; quando mandam o livro.

Outro assunto aqui - resultado de interesse pelo portugal, até o modesto - alguns livros de portugalismo me chegaram. Numa turma também tive uma revelação. Há alguns escritores como Miguel Torga, Carlos Reis, Vitorino Nemésio e outros que não de me conhecem as idéias. Também andei desovado de empregar as mesmas antologias de textos norte-americanos modestos e foi outra revelação. Se é verdade que a poesia desse tipo visível de Harvard Robert Frost me ficou quase indiferente, a obra do concetivismo de um outro chamado L. Untermyer, a força de outro ~~me~~ é impressionante.

Outra notícia minha é que quebrei minha inatividade, para fazer umas coisas novas. Reuni-las - e depois, lá de Brasília, uma é uma pequena série de poemas que chamarei "Poesias de Angélio" ou qualquer coisa como isto. Trata-se de alguns poemas de minha autoria que um dia disse, dando um balanço na minha produção "obra" vi as quase obediente. Não me dá um livro que também como das outras vezes, a conclusão é sempre a mesma: chateado porque a poesia é o que ~~me~~ <sup>me</sup> me se desija, chateado pelo "estado" de espírito, etc. etc. De onde a série ~~de~~ <sup>de</sup> ~~apenas~~ <sup>apenas</sup> terminados. Um, copio logo agora, para você. Nada de novo; pelo contrário, o mesmo velho.

O texto, que se chama "sobre a natureza da poesia" é um  
 espécie diferente no que se trata de texto. É uma espécie de epígrafe  
 na poesia em geral, em algumas circunstâncias e diversos momentos  
 de V. nunca em um único momento. É também um mandado de  
**COPIA** de parte ~~de~~ quando um termina-lo e que não sei, após  
 me voltar a trabalhar. Esta carta que não pretendeu ~~com~~ com o  
 tipo de verso que não empregando explicações depois.

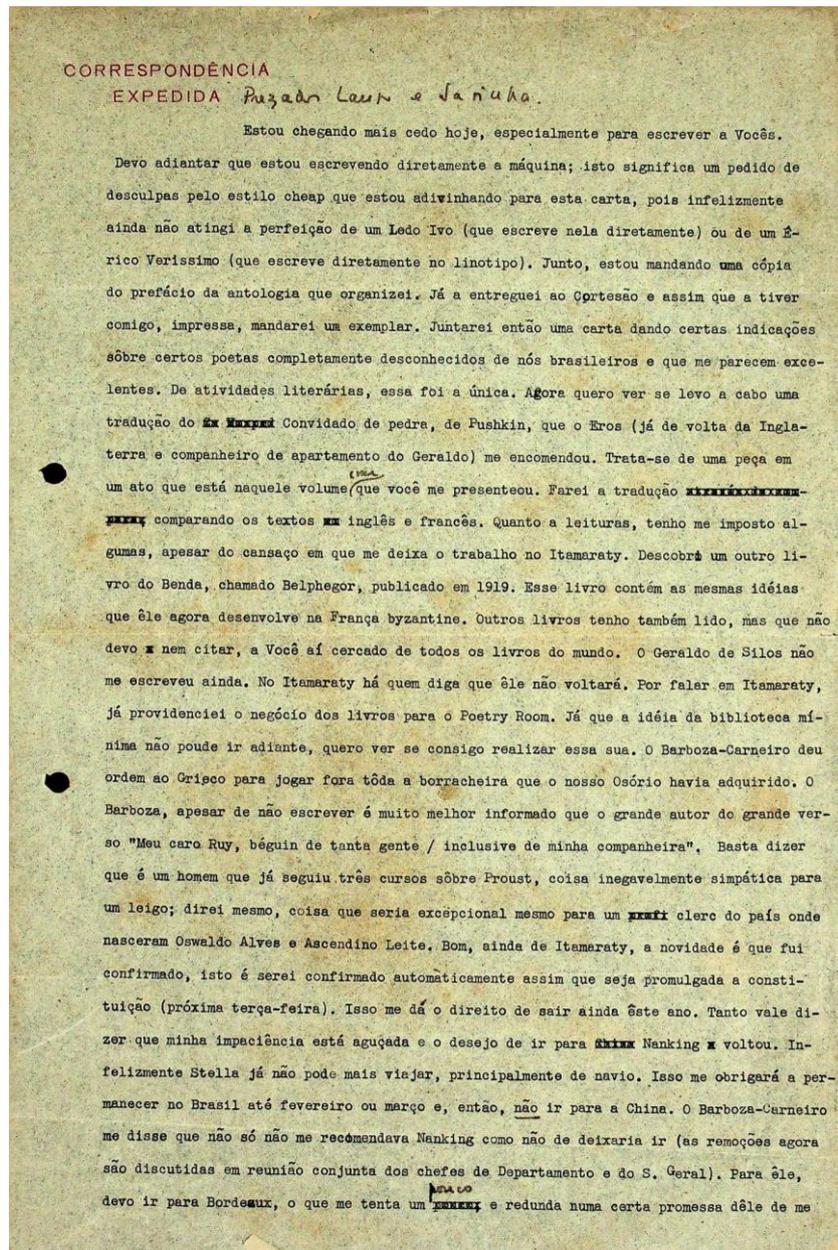
Am, de mim e' isto. De mim e' isto de mim e' isto:

- o minuto será - diz-se que para isto - o Raul Froude,  
 a oportunidade e' ótima para o período de 100 que foi o resultado  
 da Comissão de R. F. na Conf. da Paz.
- a verba de resgate, que era de 5.000 contos foi reduzida, no  
 momento oportuno para 2.500 contos. Mas república que não  
 pode continuar sossegada em Boston.
- foi um tanto precipitado nos papéis sobre a ~~épica~~ an-  
 ticipação. Parece que só nos próximos dias e' que vamos impugna-  
 do - apesar que esta vez, de verdade. Se for aceite pelo  
 por uma comissão para sair logo no princípio do ano. Estão  
 pensando em Haia. que dizem vocês?
- parece que as vagas não virão mais. Qualquer aumento  
 de quando e' agora frente do legislativo.
- minha doença determinou minha volta à Divisão Cultu-  
 ral. Uma comissão relatou que o B. exerceu influência o tempo  
 e apesar usá-la para o que v. já sabe. Dizem que com a co-  
 missão de R. Froude, a notícia dele não é o mesmo.
- Éne Hamant, isto é, acho que só me lembra o título  
 que impõem necessariamente, a minha vida ~~em~~ minha  
 vida de minha existência. Não posso compreender como certos  
 projetos podem se limitar a isto. Mas que se não tivesse  
 muita preocupação, moraria.
- Não tenho nada mais império, a espécie de trabalho  
 Cardego. Estou organizando um movimento para a publicação de  
 pequenos recortes dele, e depois dos pequenos artigos. Não tenho  
 volume de. Gostaria v. de se ver um dos trabalhos?
- Não tenho nada de. Lúcia, encimada por seus me dese-  
 que ela partira aí pelo dia de. Vou procura-la para falar.
- Como vão os papéis? Fiquei o período de da comissão  
 dele antes de lembrando de mim.
- Não para ir ao Chile à nome do Videla. Como sempre, do que  
 sempre da carta muito tarde. O aumento (deu-lhe!) e' pedir ao  
 Nereu, não o decerto para proibir e nada foi possível fazer. Mas  
 me encimou ~~uma~~ carta: o caminho do legislativo, que pretende  
 seguir de novo quando tiver de sair. (meus que não mais tempo  
 para mim re, como o' possível, Papai por o 3º Secretário por  
 Pernambuco).
- Am, um dia aqui para poder ir ao Chile ao sair  
 daqui. há 5 horas - hoje ainda há e' após também  
 mais forte um momento de esta divisão Divisão Cultural.
- Obrigado a você. Still, que vai indo bem, usual  
 outros. O sentimento não para meus de daqui.

JM.

Fonte: Documento original depositado no acervo de JCMN no AMLB/FCRB.

Imagens 3 e 4 – reprodução de carta de Cabral enviada a Escorel em 14/9/1946



CORRESPONDÊNCIA  
EXPEDIDA me arranjar a remoção para lá. Mas, apesar de tudo, continuo numa grande perplexidade e não sei o que terminarei por fazer. Se houver possibilidade do Barboza-Carneiro continuar no Departamento, acho que ficarei: quero ver se no fim do ano, com seis vagas que vão haver (cinco novos cargos M e N), posso defender certos amigos. Como você é um dêles, peço que me mande dizer amigos seus que poderiam influir de alguma maneira ~~x~~ em seu favor, nas altas esferas. O Vinicius é o outro: escreverei a êle no mesmo sentido. Nada se pode garantir, mas tudo deve ser tentado. Agi estupidamente no caso da última promoção. <sup>(Departamento do</sup> Sondi o F. Lobo, sobre sua indicação, e como não encontrei eco, me limitei a agir junto ao meu chefe. Esqueci-me completamente do Briggs, chefe do outro departamento, cujo oficial de gabinete é o Rego Rangel. O Rangel prometeu-me, de outra vez, falar com o Briggs ( se êle for ainda chefe do D.E.C., claro) e me disse que poderia obter que êle o indicasse. Desculpe meu fracasso: mas foi por inexperiência. Em todo o caso, faça o que puder daí. A literatura nacional anda agitada. O Álvaro Lins, dizem que enciumado porque o Nelson Rodrigues pediu ao Prudente um prefácio para a nova peça dele Album de Família, espinafrizou o homem a quem, quando saiu Vestido de Noiva êle havia chamado gênio. O Nelson Rodrigues então veio se defender (ajudado principalmente por um palhaço que atende pelo nome de Pompeu de Souza) e a briga começou. Está um lavar da roupa suja danado. O negócio é ridículo e desonesto. A peça é uma das maiores porcarias que já li, mas não é mais (nem menos) porcaria do que as outras anteriores dêle que foram chamadas de geniais. Outra coisa é o aparecimento do livro do Adonias, Servos da Morte. O Antônio Cândido espinafrizou como devia (não li o livro, mas com êsse título só espinafrado mesmo); mas o Almeida Sales, crítico irregular da Manhã fez grandes elogios. O resto, na literatura nacional, é vidinha. Muitos contos tipo Oswald Alves, Breno Accioly. Muito poema ruim, etc. etc. Não mando contar para não chatear vosso repouso estudioso. Como vão os garotos de anúncio de fortificante? Creio que são a melhor propagandã do Brasil. Que tal a vida de um diplomata no estrangeiro? Que tal trabalhar num Consulado? Mande contar com detalhes sua vida universitária. Minha prevenção contra Harvard, baluarte da reação americana, melhorou um pouco depois que soube que o Paul Sweezy é professor de lá. Você conhece-o ou sabe dêle? Stella vai passando otimamente. Praticamente sua vida não mudou, até já acampou uma vez. Vou ficar por aqui, porque o expediente começou. Desculpe a demora em responder e aceite um abraço do amigo e colega

MND

Em tempo: vou iniciar um sistema de recortes de suplementos de jornais para vocês aí em Boston.

14. 7. 746

Fonte: Documento original depositado no acervo de JCMN no AMLB/FCRB.

**Imagem 5 – reprodução de carta de Cabral enviada a Braga em 1983**

Meu caro Rubem, ~~1983~~

Dizem-me que você foi para o Espírito Santo para fugir de homenagens. Pode-se fugir de homenagens "em espécie" que são as mais difíceis. Mas é impossível qualquer refúgio contra os jornais, o rádio e sobretudo a televisão. Assim, em vez do frio telegrama que me estava preparando para passar, aproveito o veículo que me oferece <sup>o</sup> a Televisão Globo <sup>(melhor)</sup> para lhe mandar, desde Tegucigalpa, meu abraço de amigo pela data de hoje. Como estamos já em 1983, descubro que esse abraço podia ser também por quarenta anos de uma amizade sem reparos, começada em 1943 <sup>(quando cheguei do Peru em barco)</sup> na casa de nossos inesquecíveis Aníbal Machado e Vinicius de Moraes. Amizade frequentemente interrompida por minhas ausências do Brasil e nosso, creio que comum, nenhum gosto por escrever cartas; mas sempre retomada, como se nos tivéssemos visto <sup>(no dia anterior)</sup> ~~o~~ cada vez que nos encontramos, em qualquer parte do mundo ou de Ipanema.

João Cabral de Melo *etc*

Fonte: Documento original depositado no acervo de JCMN no AMLB/FCRB.

Imagens 6 e 7 – reprodução da primeira e última páginas de carta de Cabral enviada para Escorel em 9/11/1947

Meu caro Lauro,

N. Poterói: meu caro Lauro, tenho lido esta carta, "à jor em manhã", mas não tive coragem. Me desculpe assim tudo o que eu escrevi. Fica grande demais para minha produção.

Acho que desta vez você vai ter carta para uma semana (Falso pela desculpa). Não pela propriedade das cartas, claro). Estou escrevendo numa boa tarde, de casa e não do (intitulado, do meu escritório deitado sobre o bosque e, sobretudo, em um bando de árvores. Me desculpe por isso, falar de mim e de minhas coisas. Mas aqui, embora pouco gente e à exceção de um rapaz que foi meu aluno na Universidade, o resto é ao nível mental de chape. Lembra-se você daquele antigo, de alguns anos atrás, aquele tipo que se achava de ouvir, por mais que me irritava. Ele ~~estava~~ eu, anteriormente, diante da biblioteca do museu, ficava em minha vida e em relação a ~~essa~~ duas possibilidades: ou ele a ~~eu~~ e não compreendia, e portanto é burro, ou ele não a ~~eu~~ e a mantinha para mostrar, e portanto é ignorante. Sabe você agora, a certeza a que cheguei? Ele é as duas coisas, é burro e ignorante. Tem Mallarmé, Valéry, etc, mas o que ele lê - quando lê - é Emile Henriot, Anatole France e esse tipo de romance francês que escreveram Marcel Proust, Marcel Mauriac, etc. Mas porque está eu a estragar a ausência? (O museu está na França desde o dia 28 e até parece que sinte saudade). Uma aneddot: um jornal de pequena publicação um artigo de Rimbaud e outro tipo de romance francês. Ele me veio mostrar o artigo. Li o artigo e respondi: - Está inteiramente de acordo com o Rimbaud (o artigo era falando na superficialidade de Babarua). Eu o acho isso, aquilo, superficial, etc". E ele, apontando: Superficial? Pois se foi muitas vezes acusado de excessos de erudição? E eu: É quem disse os outros que erudição era o contrário de superficialidade? É um chato. Mas não falemos.

Li e reli sua carta, como às suas cartas. Realmente aquilo que me dá saudades não se justifica, se encarado como você o faz. O que me dá saudades é uma coisa de "Exército do Para" fracassado: isto é, de um sujeito que gostaria de ser tão considerado como Pedro Ivo, Fernando Sabino, Afonso de Guimarães Filho, etc. Porque não? É um afinal de cartas, contatos com a imprensa dos Bandeira (Manuel), Carlos Drummond, Álvaro Siza, Scheidt, Nélis Meireles, José Lins, etc. Ou por outro: os "papais", do que tenho de reconhecer como "o melhor" (e o melhor) do nosso literário. E não é só: eu poderia botar aqui, 50 nomes de pessoas que acham geniais. (Como poderia também aumentar o número de fêmeas: Brecht, Paulo Mendes Campos, etc). Portanto, se o que há de bom na literatura brasileira ~~é~~ os melhores (e não os Eloy Pintos) gostam disso, porque publicar ainda se não se faz o que eles fazem? Você acha que o problema não é para mim o não querer ser autor de si-

10

meo e retirado, com dezessete cicatrizes no corpo). Até que chegou Manoellete: esse, não desvalorizou as últimas conquistas, a Realização do Triunfo (Belmonte), aproximando-se do touro milímetros, tornando-o como a um cachorrinho e introduzindo a vocal do ~~toro~~ touro para o ritual. Manoellete foge voltar estes passos, que estavam sujeitos, abandonou estes que lhe pareciam mais de dançantes, que de touros, etc. Eu, mesmo, fui um sujeito genial, furtivo e honesto. É na morte dele, o maior responsável por sua honestidade. Manoellete era um sujeito que fazia festas de não fracassar em nenhuma tarefa. Ele se "arrimava" a todos os touros, fossem desfechos ou não. O próprio touro de sua morte, era um touro ~~deleal~~ desleal e que não investia como ele e desajaz. Disse-me que Manoellete depois de haver-lo torreado ficou alucinado (vira que nenhum outro foz, pois os touros, quando um touro não se adapta ao seu ~~toro~~ "toro" em das lops do l'ique, dá-lo) em vez de mata-lo de qualque maneira geliz foz-lo com todo o otelo. Ele ~~era~~ ~~uma~~ ~~estocada~~ perfeita mas ~~foi~~ ~~foi~~ ~~atirado~~ (no momento de encontro dos dois, corpos) ~~e acabou~~ e teve a pensãoal anechehada. Trouxe umas horas depois. Agora veja você: em Manoellete o público exigia mais, cada dia, como se fosse possível se aproximava ainda mais do bicho. Era impossível o deixar meio abafado e se decidia, por isso, a abandonar a carreira. Já tinha alguns milhas e pouco se lhe dava fozha mais bruhela na, um triuro, mas sua pita sangue e acia, acabou em ele. Tinha completado poucos dias antes, 30 anos.

Bom, para de Manoellete e de touros. Para também de carta.

O rodipo que foi seu 4 dentes e fozha uma parte de corpo não anda bom. ~~Carta~~ ~~que~~ ~~foi~~ ~~do~~ ~~corpo~~ ~~de~~ ~~mais~~. O medico porém disse que se com a dentição que continuava. Stella vai bem, eu too.

Naude me uma carta deste Fuzcaurha. ~~humbly~~ ~~de~~ ~~Stella~~ e ~~meus~~ ~~par~~ ~~vos~~ e ~~o~~ ~~paratos~~.

Um abraço do ~~JMS~~.

Barcelona, 9.11.74

Fonte: Documento original depositado no acervo de JCMN no AMLB/FCRB.

Recebido em: 31/08/2024

Aceito em: 02/04/2025

**Marcos Angeli Padilha:** mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC) no Departamento de Letras e Artes da Cena da PUC-Rio. Desenvolve pesquisa sobre a correspondência e a poesia de João Cabral de Melo Neto, sob orientação da Prof. Dra. Rosana Kohl Bines, subvencionada por bolsa CAPES/PROEX. Bacharel em Letras – Língua Portuguesa e Literaturas (2020) pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), onde foi bolsista IC/UNIRIO (2017-2019) sob orientação do Prof. Dr. Marcelo dos Santos, que o orientou, também, em seu trabalho de conclusão de curso.